Perfil leitor de jovens ingressantes no ensino médio

Marta Passos Pinheiro*
Micheline Madureira Lage**

Resumo

Este trabalho apresenta resultados de uma pesquisa, de caráter quantitativo e qualitativo, sobre os hábitos culturais, com ênfase nos de leitura literária, dos estudantes que ingressam nos cursos técnicos integrados ao ensino médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás — Câmpus Goiânia. A partir da concepção de literatura como direito humano, de Antonio Candido, procuramos responder à pergunta "o que o jovem lê?", apresentando uma reflexão sobre o perfil leitor dos estudantes. Foram utilizados como referencial teórico Candido, Paulino, Ceccantini e Cosson. Os resultados mostraram um fértil diálogo das obras literárias mais apreciadas pelos jovens com as séries de plataformas de *streaming*, as redes sociais, o cinema e outros nichos culturais que costumam fazer parte do universo juvenil. O entendimento desse perfil pode subsidiar professores na criação de novas estratégias metodológicas para o ensino de literatura.

Palavras-chave: leitura literária; jovem leitor; ensino médio; ensino de literatura.

* Docente do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG, Belo Horizonte, MG, doutorado e pós-doutorado em Educação, coordenadora do grupo de pesquisa LLEME (Leitura literária, Educação e Ensino). Orcid: https://orcid.org/0000-0001-9245-0823

** Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – IFG-Goiânia, GO, doutorado em Educação, vice-coordenadora do grupo de pesquisa NuMPEL (Núcleo Multicampi de Pesquisas e Estudos em Linguagem). Orcid: https://orcid.org/0000-0003-3756-3029

Cadernos CESPUC de Pesquisa. Série Ensaios. n.45, 2024 (1), p. 27-45.
e-ISSN: 2358-3231 (OJS). Recebido em: 30/05/2024. Aceito em: 17/07/2024.

Reading habits of young freshmen in High School: what does this reveal to literature teachers?

Abstract

This paper presents results of a survey both quantitative and qualitative, about the reading habits, with emphasis on literary reading, of students who enter technical courses integrated into high school at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Goiás — Câmpus Goiânia. Based on Antonio Candido's conception of literature as a human right, we seek to answer the question "what do young people read?", presenting a reflection on the reading profile of students. Candido, Paulino, Ceccantini and Cosson were used as theoretical references. The results showed a fertile dialogue between the literary works most appreciated by young people and series on streaming platforms, social networks, cinema and other cultural niches that are usually part of the youth universe. Understanding this profile can support teachers in creating new methodological strategies for teaching literature.

Keywords: literary reading; young reader; high school; teaching literature.

Cadernos CESPUC de Pesquisa. Série Ensaios. n.45, 2024 (1), p. 27-45.
e-ISSN: 2358-3231 (OJS). Recebido em: 30/05/2024. Aceito em: 17/07/2024.

Introdução

Este trabalho faz parte de uma ampla investigação acerca dos hábitos culturais, especialmente os literários, de estudantes que ingressam no ensino técnico integrado ao nível médio de escolas federais (institutos federais e centros federais) do estado de Goiás e de Minas Gerais com o objetivo de contribuir para a discussão sobre o ensino de literatura. Partindo do problema principal "o que o jovem lê?", propomos as seguintes questões: em um mundo em constante mudança, com novas tecnologias interferindo nos hábitos culturais das pessoas, sobretudo nos dos jovens, existe espaço para a literatura? O estudante que ingressa no ensino médio tem o hábito de ler literatura? Que obras e autores são mais procurados? Quais meios e/ou suportes de leitura são os preferidos pelos jovens: livros impressos ou digitais lidos no celular, *e-reading, tablets* ou computador?

A pesquisa é caracterizada como uma investigação em rede, de natureza longitudinal, pois pretende acompanhar as turmas investigadas durante os anos de formação para averiguar a ampliação do letramento literário e dos horizontes culturais referentes ao campo artístico. Ela envolve pesquisadores do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), dos câmpus de Belo Horizonte, Varginha e Nepomuceno, e do Instituto Federal de Goiás, dos câmpus de Goiânia e Uruaçu, com professores representantes dos grupos de pesquisa dessas instituições.

De caráter quantitativo e qualitativo, a investigação tem como principal objetivo subsidiar o professor de Língua Portuguesa e Literatura no entendimento do perfil dos jovens leitores do século XXI pós-pandemia. Acreditamos que conhecer essas juventudes é fundamental para que o professor planeje suas aulas, amplie suas metodologias, considerando sempre como ponto de partida o estudante, protagonista do processo de ensino-aprendizagem.

Pesquisas sobre leitura na pandemia e no período pós-pandêmico têm mostrado uma mudança nas escolhas dos jovens. Segundo Damasceno, Valério e Magalhães (2022), durante o período crítico, os estudantes "abandonaram as histórias de aventuras, romances, ficção e gibis para ler notícias com intuito de se manterem informados sobre a pandemia" (p. 118). Rodrigues e Balzan (2023) apontam para a relação entre diminuição das leituras e pandemia, devido ao fechamento das bibliotecas públicas. Como

a escola é a principal instituição responsável pela formação de leitores, qual teria sido o impacto dos anos de pandemia (de 11 de março de 2020 a 05 de maio de 2023)[1] nas leituras literárias dos jovens, estudantes que passaram uma parte considerável do ensino fundamental 2 confinados em casa?

Para responder às perguntas propostas, na primeira etapa da pesquisa, foi aplicado, em abril de 2023, um questionário, com a maioria das perguntas fechadas, em todas as turmas do 1° ano do Instituto Federal de Goiás, Câmpus Goiânia. O instituto se localiza na região central da cidade e oferece os seguintes cursos técnicos integrados ao nível médio: Controle Ambiental, Edificações, Eletrônica, Eletrotécnica, Instrumento Musical, Mineração e Telecomunicações. Ao todo, 154 estudantes das turmas de 1° ano desses cursos participaram da primeira fase da pesquisa[2], respondendo às questões em um formulário acessado por um *QR-Code*.

As perguntas do questionário abrangeram questões gerais sobre hábitos culturais, incluindo a leitura de vários gêneros textuais, e questões específicas sobre leitura literária. Na análise dos dados, foram utilizados como base teórica Paulino (2005), Candido (1988), Ceccantini (2020) e Cosson (2014). Neste trabalho, é apresentada a análise de alguns resultados dessa investigação.

"Ler" ou não ser? – questão de "direitos humanos"

Nessas primeiras décadas do século XXI, se, por um lado, temos a ampliação de gêneros digitais acusados de afastar ainda mais os jovens da leitura — como jogos *on-line* e os mais diversos tipos de vídeos publicados em plataformas das mídias digitais —, por outro, temos a associação da experiência estética à humanização. Diante da crescente mercantilização das relações humanas provocadas pelo capitalismo, da destruição da natureza, do risco constante de uma guerra nuclear, o questionamento sobre o que nos torna humanos se faz presente. Nascemos humanos ou nos tornamos humanos? O que significa ser humano? Na primeira década deste século, Graça Paulino destacava que:

1 Disponível em: https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19. Acesso em 28/04/2024.

2 A segunda etapa será realizada no segundo semestre deste ano. A partir das respostas às questões abertas que se destacaram por alguma particularidade, serão selecionados os estudantes que participarão de entrevistas semiestruturadas e grupo focal com as pesquisadoras.

> Na escola ou fora dela, a experiência estética, na qual se inclui a leitura literária, compondo o letramento, esse processo ininterrupto e sempre imperfeito de formação da identidade, está sendo mais valorizada neste novo século, como modo de humanizar as relações enrijecidas pela absolutização das mercadorias (Paulino, 2004, p. 60).

Não é por acaso que o famoso ensaio "O direito à literatura", de Antonio Candido, publicado na coletânea *Vários escritos* a partir de palestra proferida em 1988, é cada vez mais citado por pesquisadores e professores. Entre os direitos reivindicados está a literatura, entendida em sua concepção ampla, o que inclui, conforme Candido (2004) defende, desde formas orais, como folclore, lenda, chiste, a formas mais complexas da produção escrita. Como destaca o autor: "Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação" (Candido, 2004, p. 174). Dessa forma, podemos afirmar que a fabulação é uma característica do humano, como seres de linguagem que somos. Comunicamos nossa experiência e a organizamos por meio da narrativa. Por isso Candido adverte que "assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura" (Candido, 2004, p. 175). Nossa existência saudável estaria, assim, condicionada à fabulação, à leitura literária. E, como se trata de um direito, Candido defende, ainda, a comunicação entre as esferas da produção literária.

Levando esse direito em consideração, acreditamos que conhecer a literatura caracterizada como clássica, de grande capital simbólico, é um direito de todos e cabe à escola garanti-lo, assim como o da partilha das obras mais próximas dos valores e meios culturais dos estudantes. Essa reflexão deve permear as escolhas literárias dos professores e a forma como a literatura vai ser trabalhada. Cosson (2014) cita as duas posições conflitantes que o professor de literatura costuma adotar:

> Por um lado, ainda que defendam o valor das obras canônicas como capital cultural, termina por diminuir-lhes o espaço em favor de obras mais atraentes para os alunos, tais como os *best-sellers* do momento, sob o argumento de que pelo menos assim eles leem. Por outro, recusando as pressões dos alunos e das coordenações pedagógicas, insiste cegamente na leitura dos textos clássicos,

> tratando a obra literária como conteúdo de aprendizagem semelhante a outras disciplinas, não faltando a prova, o resumo e outras formas de forçar a leitura e, assim, introjetar no aluno uma imagem desabonadora da literatura. (Cosson, 2014, p. 14).

É dever da escola ampliar o horizonte cultural dos estudantes sem negar seu repertório cultural e sem cair nas armadilhas do ensino tradicional, que tende a diminuir o potencial transformador da literatura, enquanto arte, reduzindo sua função estética e não contribuindo para a formação do leitor. Retomando Candido, destacamos que "pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo" (Candido, 2004, p. 172).

Leituras dos estudantes

É importante uma breve contextualização dos estudantes que participaram da pesquisa. Quem são eles? Trata-se de 52% de jovens do gênero masculino, 45,4% do gênero feminino e uma minoria que se declarou como gênero fluido ou não identificado. Eles ingressaram na instituição em 2023 por meio de sorteio[3], a grande maioria veio de escola pública e de famílias com renda de até dois salários-mínimos. A maioria tem 15 anos (63%), o que significa que eles provavelmente não repetiram séries do ensino fundamental. São jovens que moram na capital ou em seu entorno, que possuem acesso à internet em suas residências (88,3%) e que têm como principais hábitos "maratonar" séries nas plataformas digitais, frequentar parques, praças e shoppings. As séries e os filmes são assistidos principalmente em plataforma de *streaming* (77,3%) como a *Netflix* e pelo *YouTube* (33,1%). Podemos observar que o acesso à internet está muito presente na capital goiana, provavelmente por meio do celular, com o aumento do uso de *smartphone* durante e após a pandemia.

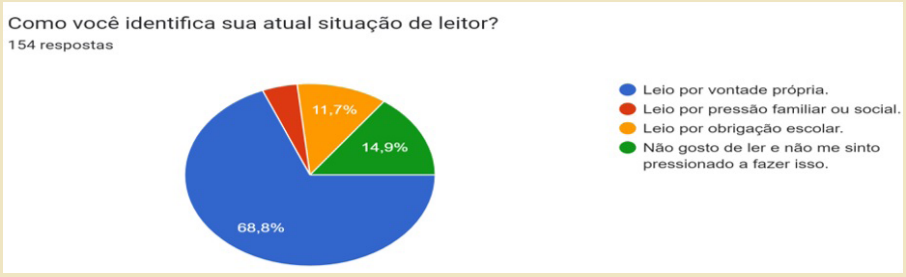
Contudo, em relação à preferência de suporte de leitura dos estudantes, 55,8% preferem livros impressos, 34,4% preferem ler no celular e apenas 7,8% preferem ler no computador. Este último valor pode ter relação

3 - Desde o final de 2020, durante a pandemia, o Instituto Federal de Goiânia, como outros institutos federais, substituiu as provas de seleção por sorteio entre os interessados.

com o fato de a maioria, provavelmente, não possuir computador em casa, mas o que chama a atenção é a grande preferência por livros impressos. Podemos levantar algumas hipóteses em relação a esse número. Como a leitura digital é feita predominantemente no celular, a leitura no livro físico torna-se mais confortável. A grande maioria dos respondentes (70,1%) reconhece diferenças entre os modos de ler no papel e na tela. Podemos ainda supor que o livro impresso possui grande prestígio entre os jovens.

Quanto à caracterização do jovem como leitor, considerando se lê por vontade própria, por pressão familiar ou social, por obrigação escolar ou se não lê, mais da metade dos jovens (68,8%) afirmou ler por vontade própria, como demonstra o gráfico a seguir:

Gráfico 1: Caracterização do leitor



Fonte: elaborado pela bolsista da pesquisa, Joelma da Silva Barata (2024).

Acrescenta-se ainda que mais da metade dos jovens (62,3%) se declarou leitor de literatura. Comparando essas porcentagens, dos leitores que leem por vontade própria (68,8%) e dos que são leitores de literatura (62,3%), pode-se constatar que, entre os primeiros estão 6,5% que não se consideram leitores de literatura, ou seja, preferem outros tipos de leitura. Entre os que não leem por vontade própria estão 31,2% de jovens: 14,9% (não gostam de ler e não leem), 11,7% (leem por obrigação escolar) e 4,6% (leem por pressão familiar). Podemos inferir que os leitores não autônomos não gostam de ler literatura e que, talvez, uma parte dos leitores que afirmaram gostar de ler literatura sejam leitores "obedientes", que leem o que a escola determina e o que a família e o meio social consideram importantes.

Para identificar o que é lido pelos jovens, criamos algumas categorias, apresentadas na tabela a seguir, explicadas de forma objetiva a partir de exemplos de algumas obras, com o intuito de facilitar o preenchimento do

questionário. Em relação a essa questão, os jovens poderiam marcar mais de uma opção. Obtivemos um total de 248 escolhas. Sendo assim, os percentuais abaixo referem-se à recorrência das respostas em cada categoria.

Tabela 1: Livros preferidos, por categoria, dos estudantes

	Nº de respostas	Porcentagem (%)
Autores brasileiros clássicos como Machado de Assis	43	17,3%
Clássicos universais como a *Divina Comédia* de Dante Alighieri	18	7,2%
Livros que viraram filme	47	18,9%
Best-sellers, aqueles considerados como extremamente populares	38	15,3%
Mangás e histórias em quadrinhos	57	22,9%
Livros da série Vaga-Lume como *Um cadáver ouve rádio*	9	3,6%
Audiolivros	9	3,6%
Não gosto de ler	27	10,8%

Fonte: elaborado pela bolsista da pesquisa, Joelma da Silva Barata (2024).

Podemos observar que as narrativas em quadrinhos e os mangás destacam-se como os gêneros mais lidos pelos estudantes. Esses gêneros, na pesquisa que realizamos em 2010 com estudantes do ensino médio do CEFET-MG, foram apontados como os menos lidos. Na época, acreditávamos que essas narrativas, pela importância dos elementos visuais e por terem se tornado objeto da cultura de massa, divulgadas amplamente no Brasil com as histórias da turma da Mônica, seriam as mais citadas pelos estudantes, no entanto foram as menos citadas. Nossa hipótese só se confirmou 14 anos depois, provavelmente pelo crescimento, na cultura ocidental, dos mangás, estilo de quadrinhos originário do Japão que conquistou principalmente o público jovem, juntamente com suas adaptações animadas, os animês.

A literatura clássica nacional, registrada no questionário como "autores brasileiros clássicos" para facilitar a compreensão, foi apontada como a segunda preferida pelos jovens. Contudo, a preferência por clássicos universais é bem menor (7,2%). Acreditamos que esse resultado pode estar

associado ao "capital simbólico" dessas obras, cujo valor já foi apropriado pelos estudantes por meio da escola.

O terceiro e o quarto lugares de preferência dos estudantes estão próximos: "os livros que viraram filme" (18,9%) e "os *best-sellers*" (15,3 %), o que demonstra uma coerência nos dados, uma vez que muitos *best-sellers* são adaptados para o cinema. No Brasil, algumas razões vêm sendo apontadas para explicar a presença dos *best-sellers* nas listas dos mais vendidos, entre elas o preço reduzido, a leitura mais "fácil", mais fluente, e a variedade de assuntos, que costumam atrair um público de todas as faixas etárias.

No questionário, tentamos averiguar se os livros da série Vaga-Lume, da editora Ática, conhecidos como pioneiros da literatura juvenil, voltados exclusivamente para esse público, ainda estão presentes nas leituras dos jovens. Os índices nos mostram que foram pouco citados (3,6%), empatando com os audiolivros, que parecem não ter conquistado a preferência do público juvenil investigado.

Para a análise das questões abertas, trazemos para a discussão as reflexões de Ceccantini (2020) presentes na última edição da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*. No capítulo dedicado à pesquisa sobre leitores de literatura, o pesquisador faz um alerta sobre o altíssimo percentual de entrevistados (58,9%) que, frente à pergunta sobre o nome do autor do livro que estava lendo ou leu, declararam não lembrar ou não saber, ou simplesmente não responderam à questão.

Para compreender esse dado, Ceccantini recorre ao conceito de "leitor cultivado", de François de Singly. Na obra *Lire à doze ans: une enquete sur les lectures des adolescentes* (1989), citada por Ceccantini (2020), Singly considera

> "leitor cultivado" aquele que já desenvolveu efetivamente familiaridade com o universo do livro e possui certa maturidade de leitor, a ponto de memorizar o título das obras que lê e, sobretudo, o nome de seus autores. Esses são dois fatores que podem orientar as escolhas do leitor, como, por exemplo, ler toda a obra produzida por um certo autor (Singly, Paris: Nathan,1989, *apud* Ceccantini, 2020, p. 13).

Esses resultados indicam que apesar de 28,9% dos entrevistados se declararem leitores de livros de literatura, o que foi considerado positivo em relação ao percentual dos anos anteriores da pesquisa *Retratos da leitura*

no Brasil, mais da metade dos respondentes não podem ser considerados "leitores cultivados". Esse conceito pode ser aproximado ao que Graça Paulino considera um "leitor literário", ao abordar a formação desse leitor:

> A formação de um leitor literário significa a formação de um leitor que saiba escolher suas leituras, que aprecie construções e significações verbais de cunho artístico, que faça disso parte de seus fazeres e prazeres. Esse leitor tem de saber usar estratégias de leitura adequadas aos textos literários, aceitando o pacto ficcional proposto, com reconhecimento de marcas linguísticas de subjetividade, intertextualidade, interdiscursividade, recuperando a criação de linguagem realizada, em aspectos fonológicos, sintáticos, semânticos e situando adequadamente o texto em seu momento histórico de produção (Paulino, 2004, p. 56).

Podemos observar que Paulino propõe uma concepção mais estrita de leitor literário e de leitura, que passou a fazer parte da definição de "letramento literário" apresentada por ela e Rildo Cosson em 2009, em uma revisão do conceito da expressão "letramento literário" que cunhou: "letramento literário como o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos" (Paulino e Cosson, 2009, p. 67). Nessa definição, observam-se três aspectos a serem considerados: o processo, portanto um estado continuado de transformação; a apropriação, ou seja, a incorporação e transformação do que se lê; e a literatura enquanto "repertório cultural que proporciona uma forma singular – literária – de construção de sentidos" (Paulino e Cosson, 2009, p. 68). O primeiro aspecto evidencia que letramento é um processo, não devendo ser confundido com práticas e muito menos com habilidades; o segundo explica a existência de leituras diferentes para um mesmo texto, enfatizando o importante papel de coautoria do leitor; e o terceiro destaca a importância de algumas especificidades da leitura literária, que promovem, a nosso ver, a formação do "leitor cultivado" a que se refere Ceccantini.

As respostas dos estudantes de nossa pesquisa, embora em um universo consideravelmente menor que o pesquisado em *Retratos da leitura no Brasil*, apontam para questões semelhantes às observadas por Ceccantini em relação a não existência do "leitor cultivado". É o que revelam as respostas às seguintes perguntas abertas do questionário: "Cite 3 obras de literatura nacional que você recomendaria a um (a) amigo (a)" e "Cite 3

obras de literatura estrangeira que você recomendaria a um (a) amigo (a)". Dos 154 respondentes, 36,4% não souberam informar o nome de um livro nacional ou não responderam. Quanto à indicação de livros estrangeiros, 22,08% não souberam informar. Comparando esses números, percebe-se que os estudantes tiveram menor dificuldade de se referirem à literatura estrangeira, demonstrando maior familiaridade com ela, o que pode ser fruto da grande influência das mídias digitais.

Quanto às obras nacionais citadas, observa-se uma certa "pulverização" de títulos, com uma menção para cada obra, passando por: *Corrupção e o escândalo da lava jato na América Latina*, (livro de ensaios acerca da política brasileira, portanto não é literatura), organizado por Paul Lagunes, Fernanda Odilla e Jan Svejna; *Quarto de despejo*, de Maria Carolina de Jesus; *O amanhã não está à venda* e *Ideias para adiar o fim do mundo*, de Ailton Krenak; e *Crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso. Observa-se, ainda, uma confusão entre literatura nacional e estrangeira, pois foram registradas 5 menções à obra *Diário de um banana*, do escritor e cartunista norte-americano Jeff Kinney, e 4 menções à obra *O pequeno príncipe*, do francês Antoine de Saint-Exupéry, como sendo obras nacionais. Essa lista bastante eclética apresenta obras de ficção e não ficção, obras que têm marcado presença nos exames vestibulares - como *Quarto de despejo*, *Crônica da casa assassinada* e as de autores que atingiram a fama recentemente, como Ailton Krenak, há pouco tempo empossado na Academia Brasileira de Letras, além do *best-seller* infanto juvenil *Diário de um banana*, muito citado, e o clássico, já apropriado pela cultura de massa, *O pequeno príncipe*, adaptado para o cinema, para desenhos animados e cujo protagonista estampa canecas, lençóis, toalhas e roupas.

Há de se ressaltar, também, um considerável número de estudantes que citaram autores, mas não souberam falar o nome das obras. Os autores foram: Machado de Assis, Cora Coralina, Clarice Lispector, Paula Pimenta, Paola Aleksandra. Um estudante respondeu: "todos do Augusto Cury". Além de o jovem não ter especificado títulos, esse autor citado vem se dedicando, principalmente, a livros de não ficção. Outro estudante respondeu: "Não conheço muitos [livros], mas, *Senhora*, de Machado de Assis", nesse caso, confundindo autores, uma vez que *Senhora* foi escrita por José de Alencar.

A seguir apresentamos uma lista com os títulos mais citados e uma breve reflexão sobre o resultado encontrado.

Tabela 2: Livros de literatura nacional mais citados

Menina bonita do laço de fita, de Ana Maria Machado.	5 menções
O meu pé de laranja lima, de José Mauro de Vasconcelos.	4 menções
Vidas secas, de Graciliano Ramos.	4 menções
Senhora, de José de Alencar.	4 menções
Torto Arado, de Itamar Vieira Junior.	3 menções
Enquanto eu não te encontro, de Pedro Rhuas.	3 menções

Fonte: elaborado pela bolsista da pesquisa, Joelma da Silva Barata (2024).

Por essa tabela, vê-se que alguns estudantes foram buscar na Educação Infantil uma obra marcante, citando *Menina bonita do laço de fita* (5 menções), de Ana Maria Machado, publicada em 1986. A valorização da negritude, ao apresentar como protagonista uma menina negra e um coelho branco que queria ter sua cor, tornou o livro um clássico da literatura infantil e presença quase obrigatória nas escolas de todo o país. O fato dessa obra ser a mais citada, entre as nacionais, por jovens (5 menções) do ensino médio nos mostra a presença marcante da literatura infantil na memória deles, mas também nos deixa uma pergunta: durante o ensino fundamental, que obras literárias foram trabalhadas na escola? Nenhuma obra foi marcante a ponto de poder ser indicada a um amigo ou a uma amiga?

A segunda obra mais citada (4 menções) foi *O meu pé de laranja lima*, de José Mauro de Vasconcelos, publicada em 1968. O livro, tido como um clássico da literatura infantil e amado por leitores de todas as idades, já esteve muito presente nas escolas, durante décadas, foi adaptado para o cinema e para a televisão, traduzido para várias línguas e países e este ano alcançou na China o número de 400 mil exemplares vendidos, tornando-se leitura escolar[4]. A história triste do menino Zezé é conhecida por provocar lágrimas nos leitores, por apresentar um universo de muito sofrimento, embora marcado pela imaginação infantil. Algumas pesquisas têm apontado para o fato dessa obra não estar mais presente nas escolas. Sobre as obras de Vasconcelos, Cruz observa:

> Atualmente percebe-se a quase exclusão das obras desse autor que outrora fez tanto sucesso no mercado editorial. E mesmo seu tão conhecido O Meu Pé de

4 - Para mais informações, consultar a página https://china.org.br/conheca-a-historia-do-livro-brasileiro-que-vendeu-mais-de-400-mil-exemplares-na-china/. Acesso em 26/04/2024.

> Laranja Lima, que se firmou como literatura, novela e filme e no ano de 2002 atingiu sua centésima edição, caiu no esquecimento e até desconhecimento do público leitor, o que faz gerar importantes questionamentos (Cruz, 2007, p. 69).

Neste artigo, não nos deteremos nos questionamentos propostos por Cruz, mas nos chama a atenção o fato de *O meu pé de laranja lima* estar entre as obras mais citadas. Ela teria sido trabalhada no ensino fundamental? Estaria presente na biblioteca escolar? Teria sido mencionada pelos pais ou avós dos estudantes?

A presença de 3 menções a *Enquanto eu não te encontro*, de Pedro Rhuas, se destaca por não se tratar de uma obra escolar. A obra é considerada uma comédia romântica juvenil que aborda temas atuais e polêmicos e tem feito muito sucesso nos comentários de *blogs* de internautas. Já *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos, e *Senhora* (1875), de José de Alencar, dois clássicos da Literatura Brasileira – do Modernismo e Romantismo, respectivamente –, são presenças constantes nos livros didáticos e cobradas nos estudos preparatórios para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e demais vestibulares. Também foi mencionada a obra premiada do contemporâneo Itamar Vieira Junior, *Torto arado,* publicada em 2019, e que é leitura obrigatória para os vestibulares 2025 da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Isso nos mostra que obras clássicas e bem aceitas pela crítica literária, quando cobradas no ENEM e nos demais vestibulares, chegam ao conhecimento dos estudantes.

Destaca-se que, dos 154 respondentes, apenas 4 estudantes conseguiram dizer o nome de uma obra nacional e de seu respectivo autor, o que corresponde a 2,6% do universo das respostas. Cada um deles citou uma obra literária, sendo: *Noturnas e natalinas***,** de Luisa Landre (temática LGBTQIAPN+), *Esgrimista* – (Benquerer livro 3), de Morgana Tavares, *Perdida*, de Carini Rissi e *O garoto do cachecol vermelho*, de Ana Beatriz Beltrão.

Em uma breve pesquisa na *Internet*, em *blogues* e redes sociais, como na plataforma X (antigo *Twittter*) e na *Amazon*, obtivemos as seguintes informações, que tivemos a liberdade de resumir. *Noturnas e natalinas* mistura fantasia urbana, evocando vampiros, e a temática LGBTQUIAPN+, com mulheres lésbicas no poder. A jovem autora, Luisa Landre, se apresenta na seção "Autor" da *Amazon* como uma "fanfiqueira de raiz". O livro foi

publicado no formato de *e-book* e está no *ranking* dos mais vendidos em Loja *Kindle*. Essa informação consta na descrição do produto no site da *Amazon*.

A obra *Esgrimista***,** último conto da trilogia *Contos Benquerer*, também é de uma jovem autora independente da *Amazon*, Morgana Tavares. Ela ficou conhecida por seus livros do gênero romance adolescente e "conquistou mais de 15 milhões de leituras na plataforma Wattpad."[5] *Perdida*, de Carini Rissi, é o título de estreia da autora e foi publicado pela primeira vez também de forma independente. Inspirado no universo de Jane Austen, a personagem principal, avessa ao casamento, viaja no tempo por meio do seu celular e chega ao Brasil de 1830. Seu coração fala mais alto que a razão e ela se apaixona por um homem dessa época. Com o êxito das vendas, o livro se tornou um *best-seller*. A série completa tem os seguintes títulos: *Perdida* (Vol. 1), *Encontrada* (Vol. 2), *Destinado* (Vol. 3), *Prometida* (Vol. 4), *Desencantada* (Vol. 5) e *Indomada* (Vol. 6). As demais obras da série utilizam-se dos mesmos expedientes: romance, fantasia, ambientação de época, sem tocar em assunto espinhoso, como a escravidão no Brasil, presente no período em que as narrativas ocorrem. *Perdida* virou filme, uma produção nacional, em coprodução com a *Disney* em 2023 e hoje está disponível nas plataformas de *streaming*, como *Disney+* e *Star+*, voltadas para os jovens.

O garoto do cachecol vermelho, publicado em 2016, é um romance escrito pela jovem autora Ana Beatriz Brandão[6], na época com 17 anos. A trama, narrada por um jovem portador de esclerose lateral amiotrófica (ELA), uma doença degenerativa e sem cura, aborda temas como a superação das dificuldades, o amor, o preconceito e a aceitação. No ano seguinte, 2017, essa obra ganhou um *spin-off* (uma história derivada) que também obteve grande sucesso: *A garota das sapatilhas brancas*, também escrito por Ana Beatriz Brandão Os dois livros foram adaptados para o cinema brasileiro, com o título *O garoto do cachecol vermelho* (2019), pela JCG Filmes. A trama conta com atores da rede Globo, como Duda Nagle e Nanda Lisboa, e tem no elenco influenciadores digitais, como Leo Picon e Giovanna Chaves. Ana Beatriz Brandão começou a escrever aos 14 anos de idade de forma independente e hoje é a grande aposta da editora Record para o público juvenil.

5 Para mais informações, consultar a rede social Skoob. Disponível em: https://www.skoob.com.br/autor/27157-morgana-tavares. Acesso em 10/05/2024.

6 Para mais informações, consultar entrevista com a autora na Rádio Nacional. Disponível em https://radios.ebc.com.br/cotidiano/edicao/2016-12/jovem-faz-sucesso-com-livro-sobre-escleose-lateral-amiotrofica. Acesso em 10/05/2024.

Pode-se observar que esses livros mencionados de forma "completa" (título e autoria) têm em comum o fato de serem *best-sellers* juvenis, escritos por jovens autoras, a maioria nascida no final da década de 1990. A mais velha delas é Carini Rissi, de 1980, conhecida como importante representante do gênero *chick lit*, voltado para mulheres. As obras apresentam diálogos com a cultura das redes sociais, bem como com o universo dos influenciadores digitais, com as séries das plataformas de *streaming*, dentre outros nichos culturais muito apreciados pelos jovens. É válido ainda mencionar que essas obras não costumam circular no ambiente escolar como indicação de leitura obrigatória.

As mesmas questões discursivas foram propostas aos estudantes, porém voltadas para a literatura estrangeira. A primeira delas: "Cite até 3 livros estrangeiros que você recomendaria a um(a) amigo(a)". Na tabela a seguir, apresentamos os livros que foram citados pelo menos cinco vezes.

Tabela 3: Livros de literatura estrangeira mais citados

Harry Potter, de J. K. Rowling	31 menções
O pequeno príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry	12 menções
Percy Jackson, de Rick Riordan	10 menções
A seleção, de Kiera Cass	6 menções
Diário de um banana, de Jeff Kinney	5 menções
As crônicas de Nárnia, de C. S.Lewis	5 menções
Crepúsculo, de Stephenie Meyer	5 menções

Fonte: elaborado pela bolsista da pesquisa, Joelma da Silva Barata (2024).

Observa-se que, quando se trata de literatura estrangeira, a "pulverização" de obras diminui, ou seja, uma obra é citada por mais de um respondente. Apresentamos um breve comentário sobre as três mais citadas, começando com *Harry Potter*, de J. K. Rowling, com 31 menções. A saga, composta por sete livros, é um dos maiores sucessos literários juvenis desde o final da década de 1990 e foi adaptada para o cinema. Os filmes foram lançados entre os anos 2001 e 2011 e, na atualidade, a *Warner Bros* está desenvolvendo uma série, com cada episódio correspondendo a um dos livros. Apesar de se tratar de uma trama com mais de 20 anos, tempo considerado grande para o sucesso de um *best-seller*, observa-se que ela continua despertando o interesse dos jovens, renovada por novas

edições e pelo diálogo com mídias digitais. Destaca-se que a autora sempre conversa com seus fãs por meio das redes sociais, mantendo o interesse pelo personagem principal sempre aceso.

Em segundo lugar, com 12 menções, temos *O pequeno príncipe* no rol de livros preferidos. Sucesso no mundo todo, a obra foi traduzida para mais de 250 idiomas e alcançou milhões de cópias vendidas. Em 2023, completou 80 anos e continua sendo citada por leitores de muitas gerações. Logo em seguida, com 10 menções, encontra-se *Percy Jackson*, de Rick Riordan, uma trama composta por sete livros de aventura, romance, suspense e fantasia. O escritor estadunidense busca na mitologia grega a inspiração para suas histórias. Com milhões de cópias vendidas, a obra é um *best-seller*. O sucesso das vendas fez com que o primeiro livro da série fosse adaptado para o cinema em 2010: *Percy Jackson & os Olimpianos*: o ladrão de raios. A plataforma de *streaming Disney Plus* produziu uma série para a saga, sendo cada um dos livros uma temporada. Esse fértil diálogo entre as sagas literárias e as séries continua muito presente nas demais obras citadas, aproximando os verbos "ler" e "maratonar", pois todas elas (*A seleção*, *Diário de um banana*, *As crônicas de Nárnia*, *Crepúsculo*) têm continuidade e estão em plataformas de *streaming* ou foram adaptadas para o cinema.

Pelas obras mencionadas, depreende-se que os jovens pesquisados têm maior familiaridade com a literatura estrangeira, pois as citaram com mais facilidade. Embora o número de obras estrangeiras citadas apresente uma menor pulverização de títulos, apenas uma pessoa foi capaz de citá-las de forma completa (título e autoria), respondendo à pergunta aberta: "Cite 3 obras de literatura estrangeira que você indicaria a um amigo."

As obras citadas foram: *Transformando garotas em monstros*, de Amanda Lovelace, *Diga sim ao marquês* — (*Castles ever after* livro 2), de Tessa Darc e *A razão do amor,* de Ali Hazelwood. Os temas dos livros pertencem a um universo semelhante: a primeira obra citada apresenta como temática "relacionamento abusivo", e a autora, americana, é considerada um fenômeno no *Instagram* também com o gênero poesia. A segunda autora, Tessa Darc, é americana, escreve romances bem-humorados, feministas e geralmente seus livros apresentam uma continuidade, aproximando-se das séries divulgadas nas plataformas digitais, um dos gêneros mais apreciados pelos jovens na atualidade. Por fim, Ali Hazelwood é italiana, uma leitora e escritora de *fanfiction*, sucesso no *TikTok*. Pode-se inferir que esse(a) jovem

que já tem suas preferências, aprecia obras que fazem o diálogo "literatura" e "redes sociais", além de se interessar por temas que abordam o lugar da mulher na sociedade. Portanto, observa-se uma semelhança com o tipo de livro citado na questão referente a obras literárias nacionais, o que revela o perfil leitor dos estudantes. Provavelmente trata-se de alguém que lê por vontade própria e que declarou gostar de literatura; de um "leitor cultivado", de acordo com a conceituação de François de Singly utilizada por Ceccantini (2020), e, talvez, de um leitor literário, de acordo com a definição de Graça Paulino (2004).

Considerações finais

Pelos dados selecionados para a análise neste artigo, podemos afirmar que, em um mundo em constante mudança, com novas tecnologias interferindo nos hábitos culturais dos jovens, ainda existe espaço para a literatura. E que literatura é essa? Embora o livro impresso ainda seja o suporte de leitura preferido pelos jovens, as obras literárias citadas, tanto as estrangeiras quanto as nacionais, apresentam um claro diálogo com as mídias digitais, as séries das plataformas de *streaming* e o cinema. Algumas obras são publicadas pela primeira vez nessas mídias, como na *Amazon*, no *Instagram* e no *TikTok.* A *Amazon* destaca-se pelo *Kindle Direct Publishing*[7], uma plataforma para publicação de *e-books* de forma independente e gratuita. Essa forma de publicar tem ampliado significativamente o mercado editorial, tanto o brasileiro quanto o estrangeiro, fazendo com que jovens desconhecidos tornem-se escritores famosos em pouco tempo, a depender do sucesso de suas obras, como ocorreu com algumas das jovens autoras citadas pelos estudantes.

Como pudemos constatar, as formas de divulgação digitais de obras e autores vêm contribuindo para que os livros se tornem *best-sellers.* Mas também podemos supor que determinadas características dessas narrativas, com temas que despertam o interesse dos jovens e construção textual que contribui para uma leitura mais fluente, entre outros aspectos, fazem parte das obras que vêm sendo caracterizadas como *best-sellers*

7 Os assinantes da *Amazon* baixam gratuitamente os livros e os não assinantes pagam um pequeno valor para ter acesso a eles. Para mais informações consultar https://kdp.amazon.com/pt_BR/

juvenis. Esses livros têm encontrado nas plataformas digitais um excelente meio de divulgação, não dependendo, assim, de uma indicação escolar. Paulino (2004, p. 47-62), em pesquisa desenvolvida sobre preferências de leitura de jovens, já denunciava o grande abismo que separa o interesse dos estudantes da leitura exigida na escola, onde não há possibilidade de escolha pessoal. Além disso, sem deixar de considerar a importância dos clássicos, a pesquisadora destaca como polêmicas as relações entre cânones literários e cânones escolares.

A maioria dos livros citados pelos estudantes e, principalmente, os citados de forma completa, com título e autoria, nos indica que os jovens têm sido mais influenciados pelas mídias digitais do que pela escola. Essas plataformas têm sido mais eficientes do que nós, professores, para sugerir leituras e os anos de pandemia, por terem aumentado o contato dos estudantes com as telas, podem ter intensificado o envolvimento dos jovens com o que é disponibilizado nessas mídias.

Os resultados da primeira etapa de nossa pesquisa apresentados neste artigo não nos permitem responder todas às perguntas propostas, mas, a partir deles, novas questões podem ser feitas. Como contribuir para o letramento literário dos jovens do século XXI, ampliando suas referências estéticas e dialogando com a bagagem literária que trazem? Como garantir que obras clássicas importantes de nosso patrimônio cultural façam parte do "direito à literatura" que tanto defendemos? A realização de uma avaliação-diagnóstica da turma com o intuito de conhecer o perfil leitor dos estudantes é um bom ponto de partida. A partir desse conhecimento, o professor pode adotar metodologias comprometidas com práticas não excludentes de formação de leitores, que contribuam de fato para o letramento literário dos jovens leitores.

Referências

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. Em CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul; São Paulo: Duas cidades, 2004.

CECCANTINI, João Luís. Por onde andará a literatura infantil e juvenil brasileira? In: FAILLA, Zoara (org.) *Retratos da leitura no Brasil* — 5. (2020). Brasília: Instituto Pró-Livro, 2020. Disponível em: www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/2834_10.pdf. Acesso em: 20 mai. 2024.

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

CRUZ, Juliana Leopoldino de Souza. *O meu pé de laranja lima:* do broto ao fruto a recepção da obra de José Mauro de Vasconcelos por diferentes gerações. Mestrado em Letras — Universidade Estadual de Maringá. Maringá, p. 128. 2007.

DAMASCENO, Márcia de Souza, VALÉRIO, Cláudia Lúcia Landgraf e MAGALHÃES, Epaminondas de Matos. Leitura em meio à pandemia da Covid-19: o que os estudantes estão lendo durante o isolamento social. *Revista Panorâmica*, v. 35 – jan./abr. 2022, p. 118-133.

PAULINO, Graça. Formação de leitores: a questão dos cânones literários. Em *Revista Portuguesa de Educação*, vol. 17, n 1, Braga: Universidade do Minho, 2004.

PAULINO, Graça e COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In ZILBERMAN, Regina RÖSING, Tania M.K. (orgs.) *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.

RODRIGUES, Robert Reiziger de Melo e BALZAN, Carina Fior Postingher. A leitura em tempos de pandemia: um estudo de caso sobre as práticas de leitura realizadas na Biblioteca Pública Castro Alves. *LínguaTec*, Bento Gonçalves, v. 8, n. 2, Número Especial — LETRAS IFRS, p. 97-116, ago. 2023.